



RELATÓRIO Econômico

...
.Sincomavi

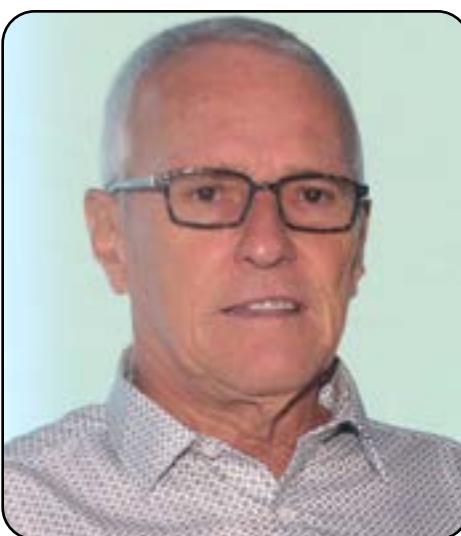
**Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção,
Maquinismos, Ferragens, Tintas, Louças e Vidros da Grande São Paulo**

-  www.sincomavi.org.br
-  sincomavi@sincomavi.org.br
-  [Telefone \(11\) 3488-8200](tel:(11)3488-8200)

MARÇO 2025

> PALAVRA DO PRESIDENTE	1
> CARTA DE CONJUNTURA	2
> PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO	3
> INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL	4
> MERCADO DE TRABALHO	6
> INDICADORES SETORIAIS	8

PALAVRA DO PRESIDENTE



Há anos os empresários do comércio vivem um “período desafiador”. Para nós não é nenhuma novidade fazer das tripas coração. As “novidades do momento” são o nível estratosférico da Taxa Selic e o aumento da venda direta, que está afetando todos os tipos de varejo. Antigamente, ainda existia algum pudor em relação a esse problema. Somente as grandes empresas vendiam diretamente ao consumidor sem fazer nenhum tipo de cerimônia. Hoje, ao contrário, a maioria das marcas já contam com lojas de fábrica em grandes marketplaces ou lojas virtuais, o que praticamente inviabiliza a operação dos comerciantes. Bem... Esse é um assunto que já foi abordado pelo Sincomavi (clique aqui).

Voltando ao tema original da “Palavra do Presidente”, apesar da inflação apresentar sinais de acomodação, com o IPCA em níveis mais controlados, o ambiente de negócios ainda é impactado por fatores estruturais que dificultam a retomada do crescimento, especialmente com a taxa Selic em patamar tão elevado: 14,75% (maio de 2025).

Já comentamos diversas vezes que os juros básicos nesse patamar dificultam o acesso ao crédito pelo consumidor, comprometendo o poder de compra da população e postergando decisões importantes como a reforma da casa ou a aquisição de um imóvel. Nossa setor, fortemente dependente de compras planejadas e parceladas, sente diretamente os efeitos desse cenário.

Por outro lado, os empresários enfrentam um aumento contínuo dos custos operacionais — energia, logística e folha de pagamentos -, que acabam pressionando as margens. Além disso, as pequenas e médias empresas, que representam a maioria dos negócios do setor, são as mais afetadas. Com menor poder de barganha e estrutura enxuta, enfrentam uma concorrência crescente e acelerada pela digitalização do mercado, que exige investimentos constantes para garantir competitividade.

Esse não é o foro adequado, mas o Sincomavi reitera a importância de uma política monetária mais sensível aos impactos da taxa de juros sobre a economia real. É preciso defender uma redução gradual e responsável da Selic, que amplie o acesso ao crédito sem abrir mão do controle inflacionário. A criação de linhas específicas de financiamento para construção e reforma, com condições adequadas à realidade do consumidor brasileiro, também é outro ponto que precisa ser revisto pela administração pública.

Apesar do sucesso e benefícios oferecidos pelo programa “Minhas Casa, Minha Vida”, a política habitacional do país não deve ser tão limitante, mas abranger outras necessidades da população, como a reforma e a autoconstrução.

Reinaldo Pedro Correa
Presidente do Sincomavi

CARTA DE CONJUNTURA - março 2025



Conforme o esperado por praticamente todos os analistas de mercado, o Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central elevou no último dia 19 novamente a taxa básica de juros da economia brasileira em 1 ponto percentual, passando-a a 14,25% ao ano, o maior patamar desde agosto de 2016.

O avanço era esperado exatamente por ter sido alardeado ainda no fim do ano passado. O Banco Central também já deixou claro que novos aumentos acontecerão, porém citou que deverá haver uma moderação na subida de juros esperada para maio, o que nos parece claro, portanto, que há horizontes para a finalização desta trajetória ascendente de juros em nosso país. E se sabe que, a despeito de sua necessidade, juro mais alto não é bom para a economia real (e evidentemente aos setores de comércio e serviços).

Sabe-se que a política monetária restritiva, isto é, de aumento de juros, tem por base conter a inflação, ainda que por via de esfriamento da economia, portanto, tende a conter a inflação da demanda. O que ocorre neste momento no Brasil é uma mistura dos motivos inflacionários. Há sim um sobreaquecimento da demanda das famílias, haja visto o crescimento de 4,8% do consumo das famílias no PIB de 2024 (que cresceu em sua totalidade 3,4%), e isso é demonstrado nos preços por meio de uma pressão dos níveis médios dos custos de serviços, que em 12 meses quase atinge os 6%.

Por outro lado, também há uma pressão advinda da oferta (ou da menor oferta) de algumas mercadorias, em especial de alimentos cuja produção foi impactada por fatores climáticos, entre outros, sejam em razão do agronegócio doméstico ou internacional (ex. Café, milho, chocolate, etc). Nesse pilar da oferta, o aumento de juros é praticamente inofensivo, bastando apenas a paciência da população para que tais choques se amenizem.

Para além da demanda doméstica aquecida e de choques de oferta, temos também o efeito do câmbio desvalorizado, que eleva preços de mercadorias importadas. Ao fim do ano passado, com as incertezas quanto às políticas do Presidente Trump, aliadas com as

justificáveis dúvidas quanto à saúde das contas públicas brasileiras, o câmbio sobrepujou uma taxa de R\$6,20, causando ainda mais temor de uma pressão adicional nos preços domésticos. Como em 2025 as sobretaxas americanas pouco chegaram ao Brasil, a arrecadação de impostos em janeiro veio acima das expectativas e as mudanças de presidência no nosso Banco Central não causaram perda de confiabilidade nem alteração dos objetivos necessários por parte da política monetária, o câmbio baixou significativamente e garantiu menor pressão de preços de produtos estrangeiros.

É importante deixar claro que o fantasma inflacionário está longe de ser contido, até porque a atual inflação é mais persistente do que explosiva, ainda que não se esteja “sub Judice” qual a mais perigosa (ambas). Em resumo, mantemo-nos cautelosos a este cenário no qual para aprisionar o monstro inflacionário temos de conviver com menor ritmo de crescimento econômico. Não há saída. Por isso, é momento mais que essencial cuidar bem dos orçamentos domésticos e empresariais e ficar de olho no que e como o ambiente macroeconômico nos impactará, pois mesmo parecendo distante, ele sempre nos atinge.

Estimativa para o fechamento de 2025:

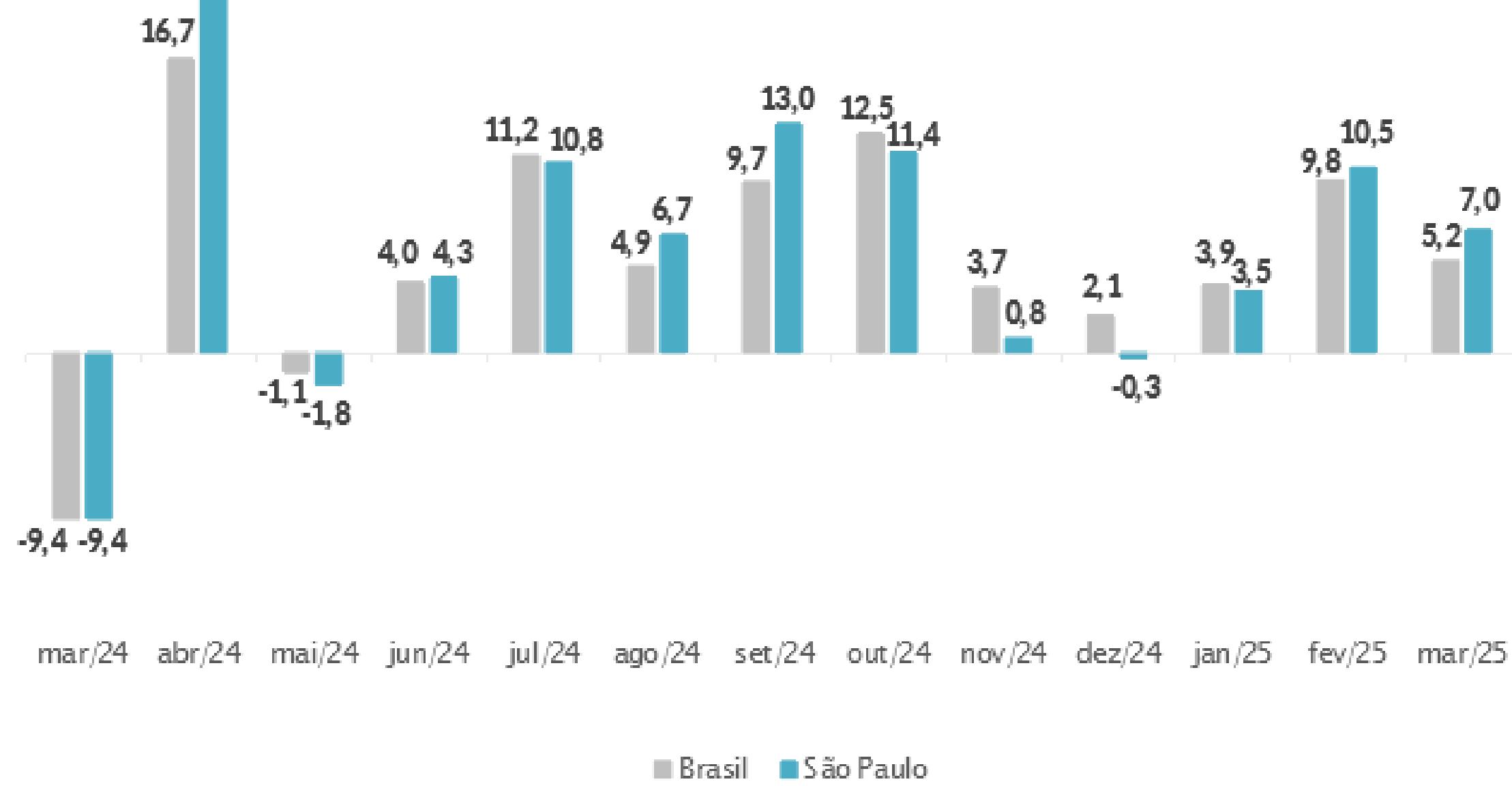
- **PIB: 2,0%**
- **Inflação (IPCA/IBGE): 5,9%**
- **Taxa SELIC: 15% a.a.**
- **Taxa de Câmbio: 6,00**
- **Balança comercial (em US\$): + 75 bi**
- **Taxa de desocupação ao fim do ano (PnADC/IBGE): 6,7%**
- **Volume de vendas do comércio ampliado BR (PMC IBGE/12 meses): +1,2%**
- **Volume de serviços BR (PMS IBGE/12 meses): +2,0%**



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio paulista de material de construção contou com uma elevação de 7,0% em março, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior. Este foi o terceiro desempenho mensal seguido com resultado positivo do setor no Estado de São Paulo que agora marca uma evolução acumulada de 6,9% no primeiro trimestre do ano, também em comparação com o mesmo período de 2024. No país e, em março, a variação ficou também positiva, com crescimento de 5,2% no mês, o que colaborou para o aumento acumulado de 6,3% nos três primeiros meses de 2025.

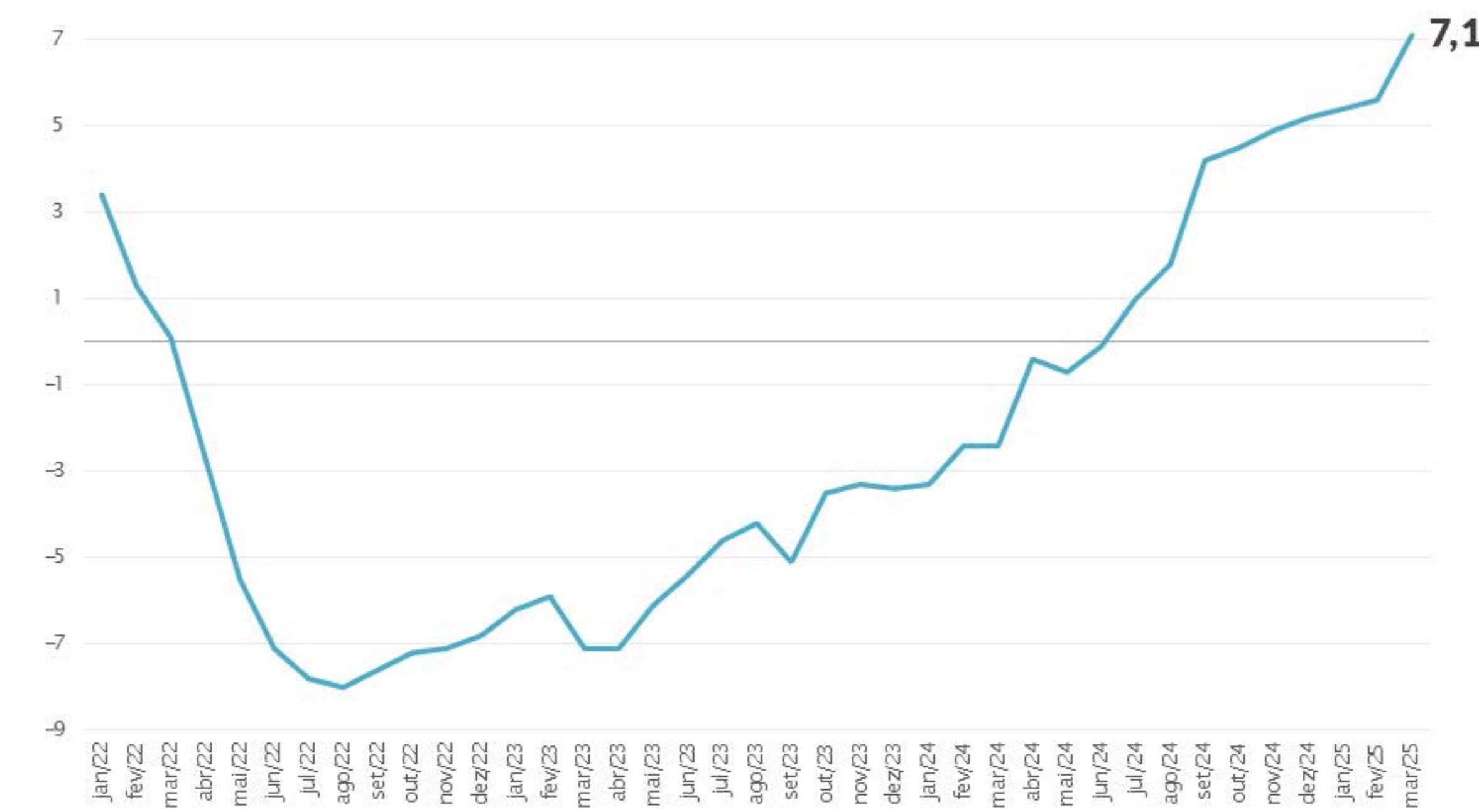
Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de material de construção – Mês contra mesmo mês do ano anterior



Fonte: PMC/IBGE

Com o consistente processo recente de recuperação das vendas de material de construção, ao se observar a trajetória do indicador no acumulado em 12 meses no Estado de São Paulo, é possível perceber que em março se alcança um aumento de +7,1% – a maior taxa de crescimento desde os doze meses encerrados em novembro de 2021 (+8,0%).

Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



Fonte: PMC/IBGE

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

O economista Jaime Vasconcellos comenta que o segmento aparenta ter alcançado um período consolidado de recuperação das vendas em território paulista, apesar de uma conhecida “ressaca” entre 2022 e 2023. “Esta base fraca de comparação até ajudou a nos colocarmos um indicador ascendente a partir do ano passado, mas sem dúvidas a recente fase de mercado de trabalho aquecido, com crescimento da renda e de aquisição de crédito justificam os positivos números atuais, que não é lucro”, ressalta. “Tal cenário positivo deve ser considerado, ainda que haja cautela com a persistente inflação e os elevados juros que passamos a conviver e que devem trazer algum impacto especialmente no decorrer do segundo semestre”.

OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.

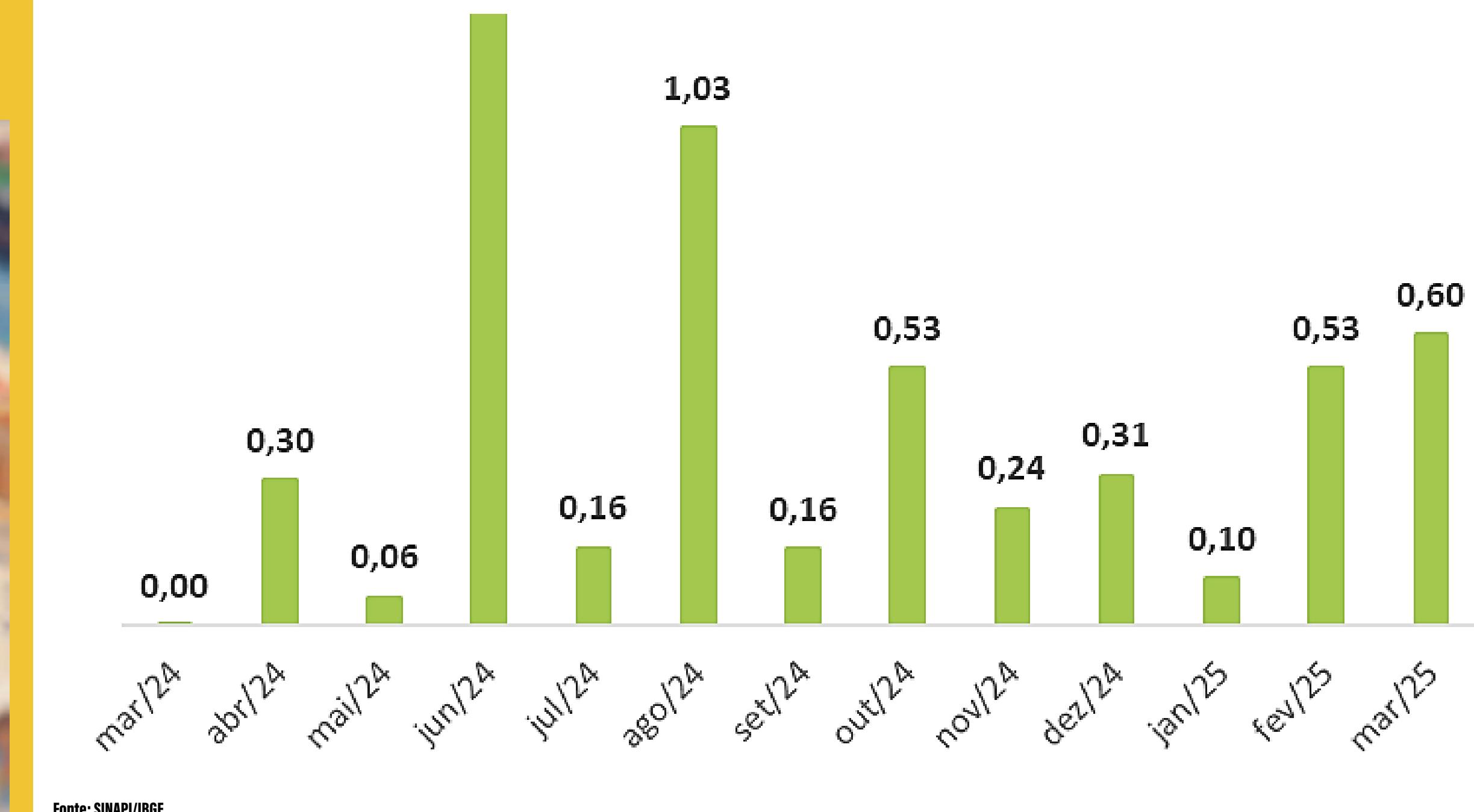


INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

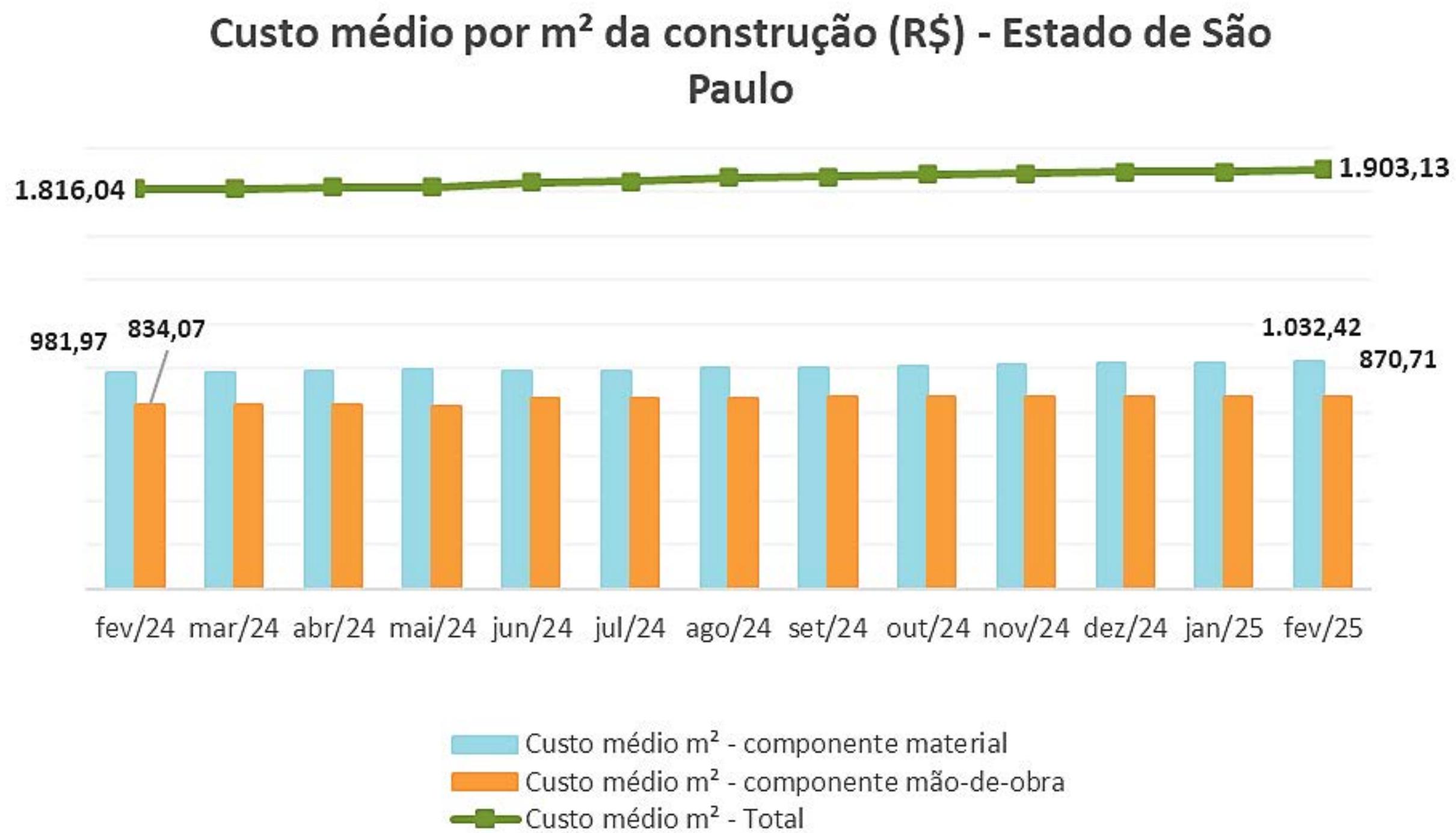
Depois de ter atingido uma taxa de 0,53% em fevereiro, o custo médio do projeto de construção civil no Estado de São Paulo novamente avançou e, em março, contou com um aumento de 0,60%, segundo o Sistema Nacional de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi-IBGE). Este último resultado é o maior desde agosto de 2024 e contrasta com a estabilidade vista para o indicador em março do ano passado.

Evolução mensal do custo médio m² da construção civil paulista



O gasto médio total com o projeto de construção civil na economia paulista atingiu os R\$ 1.903,13 neste terceiro mês do ano, um avanço de R\$ 11,45 em relação ao registrado em fevereiro. Desta diferença, R\$9,21 são do componente “material de construção”, que sofreu um aumento de 0,89% no mês.

Já no acumulado em 12 meses há um acréscimo de 5,42% no metro quadrado da obra. Isso significa um adicional de R\$98,49, sendo R\$57,95 (ou 5,89%) do que se projeta o gasto com material de construção e R\$ 40,54 (ou 4,87%) com mão de obra.



O economista Jaime Vasconcellos comenta que a inflação da construção civil paulista ficou mais aguda do que a esperada em março, ainda que não se projetasse um cenário significativamente tão distinto do visto em fevereiro. “Os números mais recentes corroboram com uma análise de maior pressão dos preços, principalmente dos materiais de construção, que avançaram na média 2% somente nos três primeiros meses de 2025, con-

tra um aumento de apenas 0,34% com mão de obra”.

Ele reforça que a demanda ainda aquecida, aliada a um câmbio desvalorizado, auxilia a criação deste cenário, a despeito da política monetária contracionista que, em algum momento, deve causar impactos mais efetivos no controle dos preços da economia.



O Índice Nacional de Custo da Construção – M (INCC-M), do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE), registrou um aumento de 0,38% em março – patamar inferior ao alcançado no mês anterior (0,51%). Apesar do melhor resultado, a tendência de aumento nos custos do setor de construção se mostra clara em

Elevadores	1,19%
Blocos de concreto	0,96%
Esquadrias de alumínio	0,76%
Tela de aço soldada para concreto	-1,57%
Uniforme e EPI	1,45%
Eletrodutos de PVC	-0,64%
Tubos e Conexões de PVC	-0,53%
Vergalhões e arames de aço ao carbono	-0,17%

razão da taxa acumulada em 12 meses, que atingiu 7,32%. A análise da FGV aponta ainda que houve um avanço expressivo na comparação anual (março de 2024), pois o índice acumulava para o mesmo período alta de 3,29%.

O grupo de Materiais, Equipamentos e Serviços sofreu uma elevação de 0,40% em março, ante 0,45% no mês anterior. Dentro desse segmento, a categoria de Materiais e Equipamentos contou com alta de 0,42% no período analisado, desempenho inferior a fevereiro, com 0,43%.

Vale lembrar ainda que os custos com a mão de obra subiram 0,35% em março, o que representa uma queda em comparação ao resultado do mês anterior, com 0,59%.

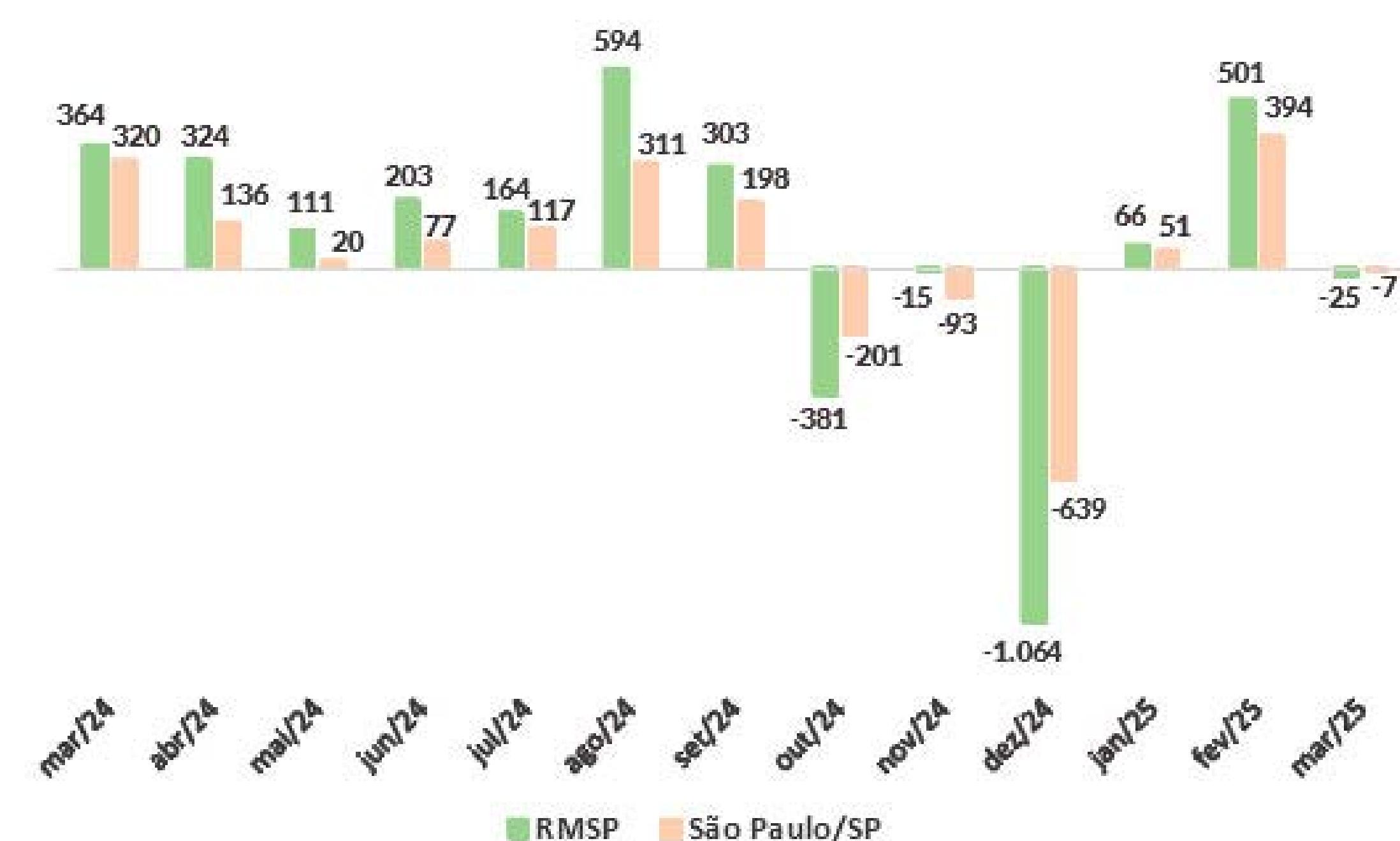
Fonte: FGV IBRE

MERCADO DE TRABALHO

Depois de um forte mês de fevereiro, o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) trouxe resultados bem mais tímidos de movimentação de emprego para o varejo de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) em março.

Ocorreu a redução de 25 vagas no período, sendo menos 7 postos apenas na capital paulista. Tal resultado negativo é considerado pelo economista Jaime Vasconcellos com um sinal de estabilidade, em razão de estar sendo analisado um mercado de trabalho formado por quase 96,3 mil vínculos com carteira assinada na Grande São Paulo.

Evolução do saldo de empregos do varejo de material de construção RMSP e São Paulo/SP



“O desempenho de 25 vagas perdidas na RMSP teve como origem segmentos com saldos distintos”, explica Jaime. E complementa: “As maiores criações absolutas de postos de trabalho no mês vieram dos varejos de material hidráulico (+21 vagas) e de material elétrico (+44 vagas), enquanto as maiores retrações ocorreram nos estabelecimentos que comercializam vidros (-37 vagas) e material de construção em geral (-25 vagas)”.

Puxado pelos números significativamente positivos de fevereiro, no acumulado do primeiro trimestre de 2025, o comércio varejista de material de construção ainda apresenta 542 novas vagas na região. Neste caso, destaque ao varejo de ferragens e ferramentas (+152 vagas) e de material elétrico (+210 vagas).

Jaime lembra que ao se debruçar sobre os dados de fevereiro passado, já era possível observar que os bons resultados obtidos não iriam ser repetidos. “Não apenas isso aconteceu, como se viu em março uma tímida retração da empregabilidade, podendo ainda ser considerada uma estabilidade”, avalia. Ele ressalta que tais números arrefecidos acompanharam a tendência nacional para este terceiro mês do ano, e em geral nos setores da economia brasileira.

“Desde o fim de 2024 nota-se uma desaceleração do ritmo de expansão do mercado de trabalho formal, o que nos traz à tona que realmente os fortes números do último fevereiro foram um ‘ponto fora da curva’ e que a realidade de 2025 é contarmos com este ritmo menor de geração de vagas”.

Jaime destaca que o cenário já era esperado, frente a uma economia com perspectiva de crescer menos que no ano passado, puxada por desafios maiores ao consumo das famílias (que é 2/3 do PIB), com juros mais altos, inflação persistente e endividamento ainda elevado.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - março de 2025					
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque	
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	40	52	-12	1.043	
Ferragens e Ferramentas	689	702	-13	16.465	
Madeira e Artefatos	261	269	-8	7.167	
Materiais de Construção em Geral	1.930	1.955	-25	49.648	
Materiais Hidráulicos	99	78	21	2.197	
Pedras para Revestimento	100	81	19	1.900	
Material Elétrico	369	325	44	8.373	
Tintas e Materiais para Pintura	206	220	-14	4.627	
Vidros	233	270	-37	4.874	
Total	3.927	3.952	-25	96.294	

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - 2025*					
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque	
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	146	150	-4	1.043	
Ferragens e Ferramentas	2.158	2.006	152	16.465	
Madeira e Artefatos	785	780	5	7.167	
Materiais de Construção em Geral	5.838	5.817	21	49.648	
Materiais Hidráulicos	242	233	9	2.197	
Pedras para Revestimento	268	241	27	1.900	
Material Elétrico	1.129	919	210	8.373	
Tintas e Materiais para Pintura	661	607	54	4.627	
Vidros	768	700	68	4.874	
Total	11.995	11.453	542	96.294	

Fonte: Novo Caged

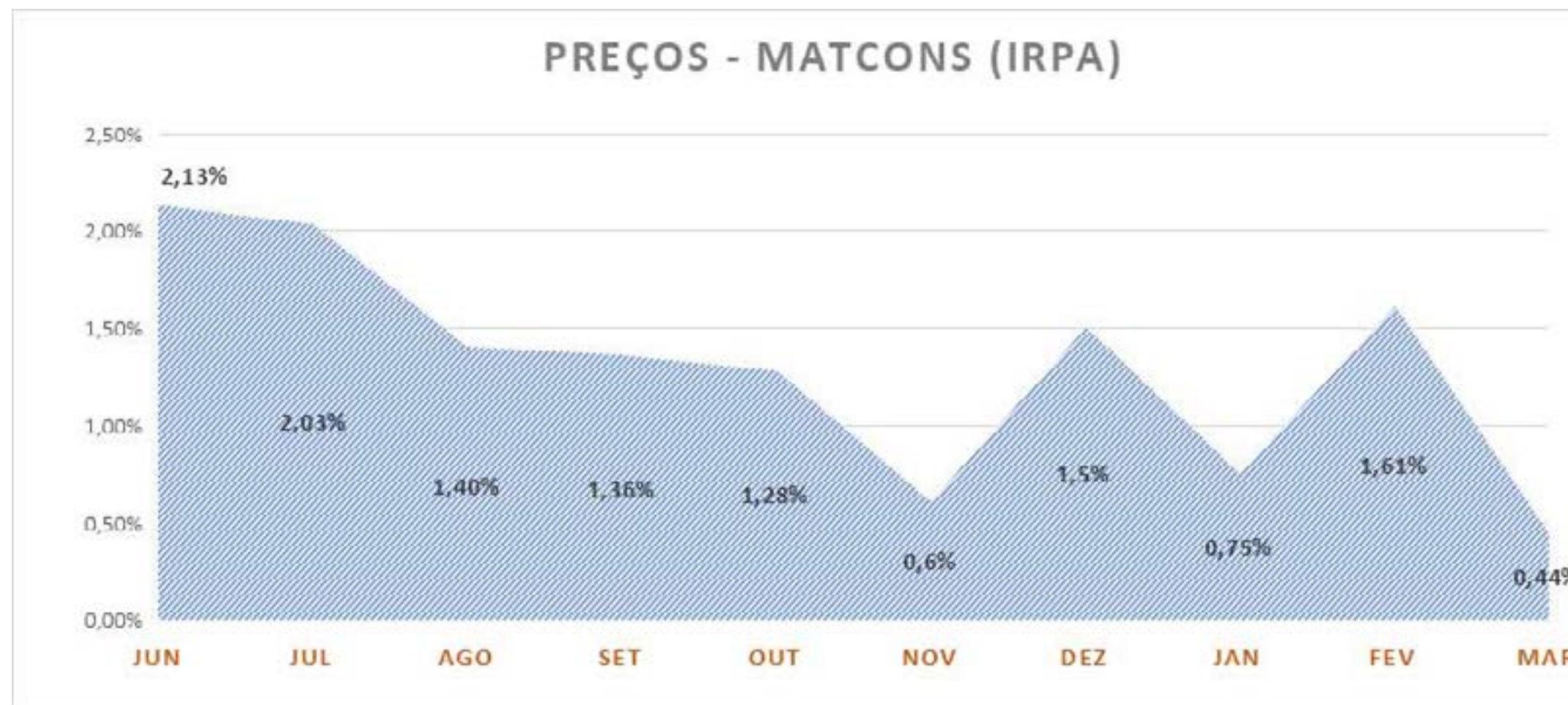
Elaboração e cálculos: Sincomavi

*Até março

INDICADORES SETORIAIS

O Índice Azure de Reajuste de Preço de Material de Construção (IRPA-MC) registrou uma elevação de 0,44% em março – o patamar mais baixo alcançado desde maio de 2020, mês no qual o indicador ficou em 0,18%. No acumulado do ano, o IRPA já atinge os 2,81% de aumento e, nos últimos doze meses, 16,68%.

Apenas como referência, o Índice Nacional da Construção Civil (INCC-Sinapi), do Instituto

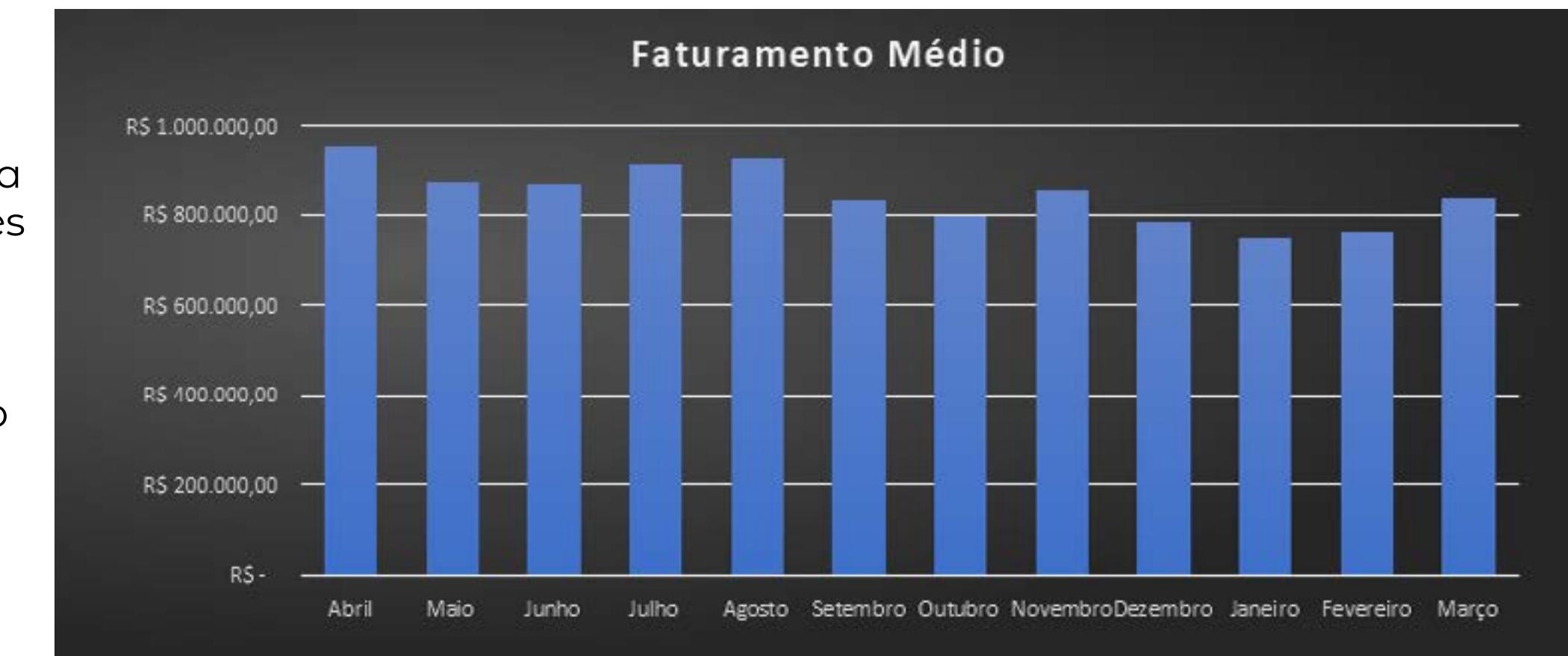


Fonte: Azure Sistemas

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou para o mesmo período variação de 0,99%, aumento de 0,43 ponto percentual em relação a taxa do mês anterior (0,56%). Nos últimos doze meses a variação positiva registrada foi de 15,75%.

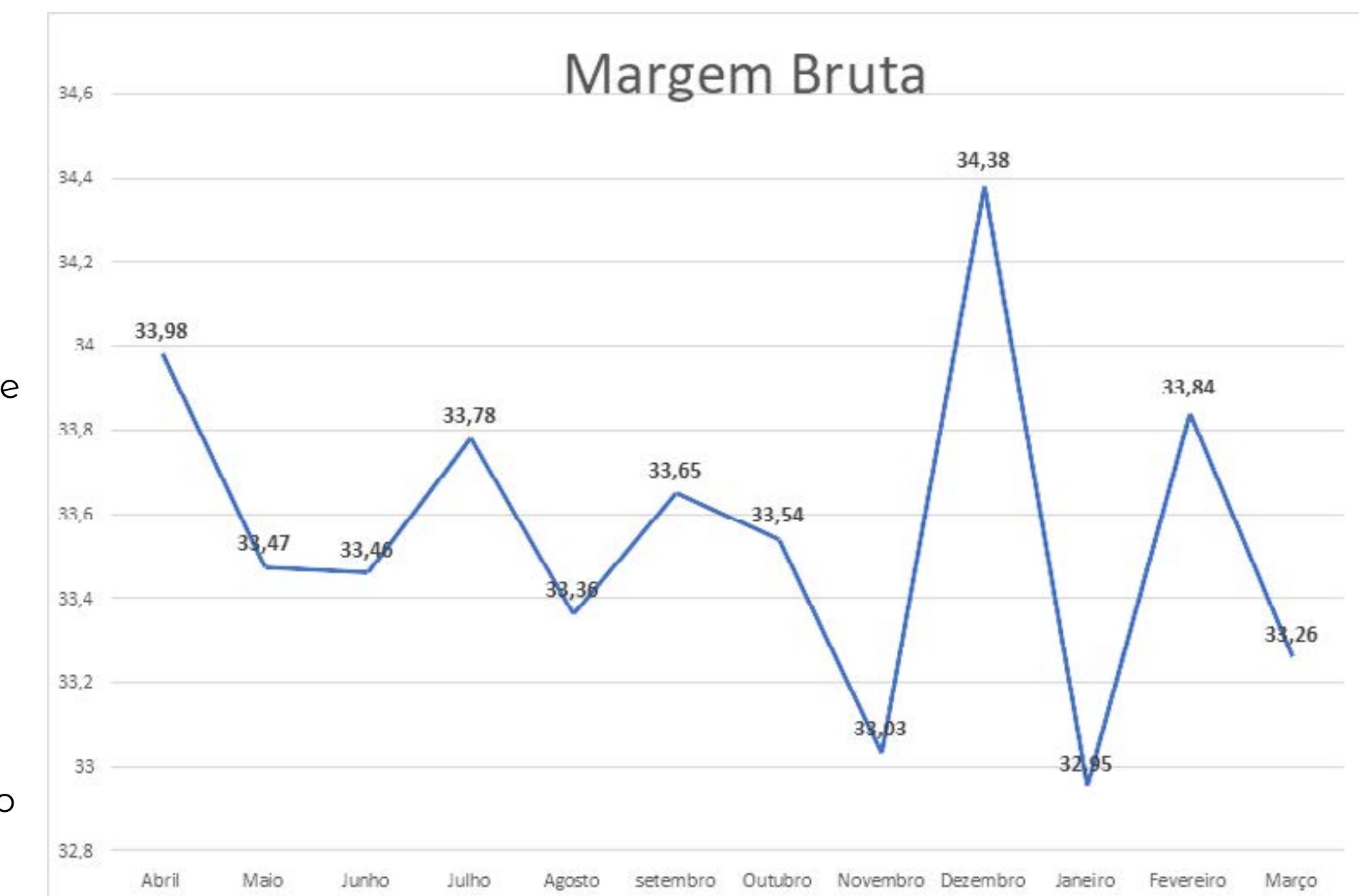
O estudo setorial realizado pelo Sincomavi, com base nos dados coletados pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, verificou ainda uma elevação no faturamento médio das empresas. Vale a pena ressaltar que houve alteração nos números históricos em razão do aumento na quantidade e mudança no perfil dos estabelecimentos participantes do trabalho.

Em março, esse indicador chegou aos R\$ 836.266,00, patamar bastante superior ao obtido no mês anterior: R\$ 759.971,00.



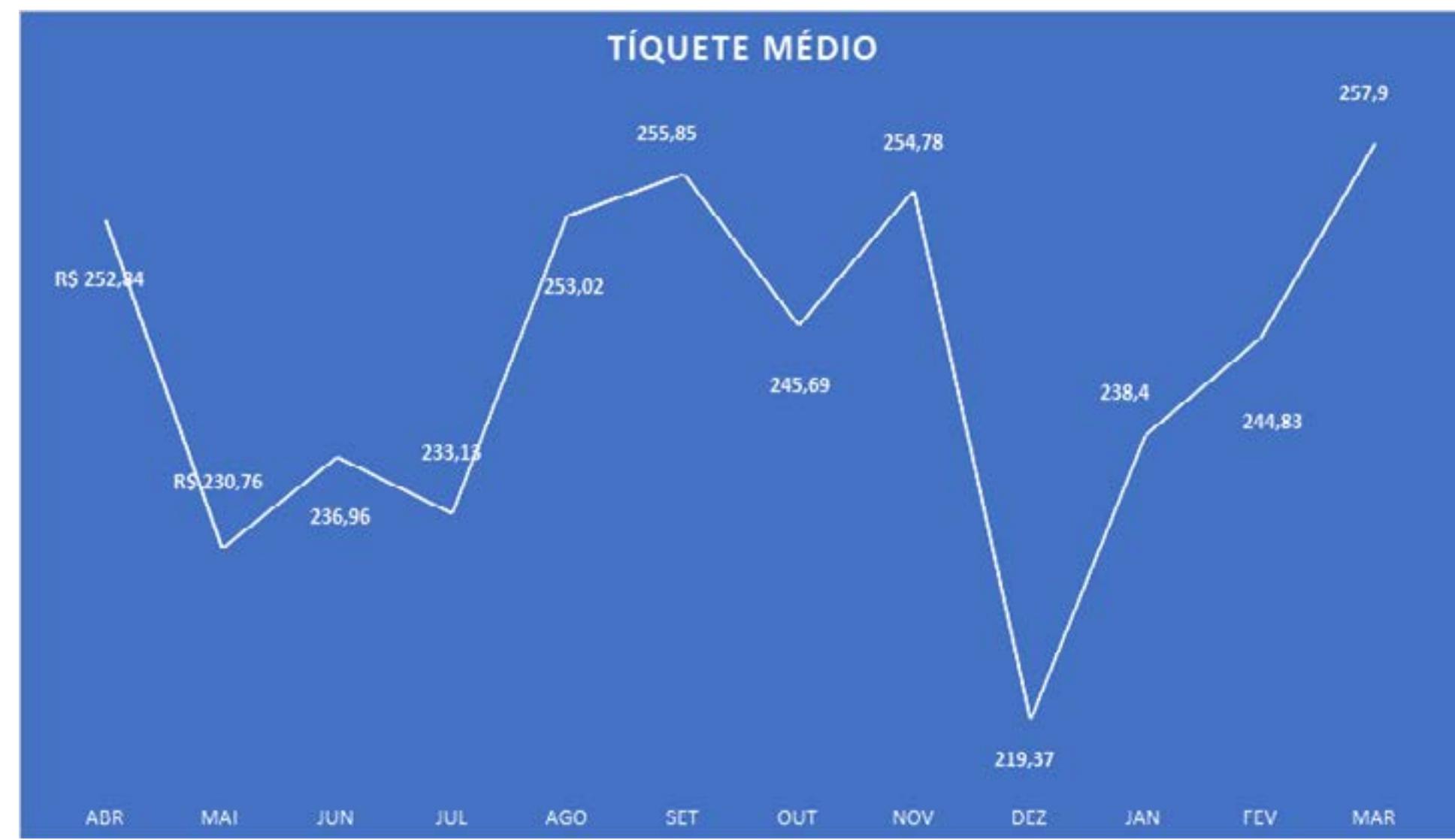
Fonte: Azure Sistemas

A margem bruta contou no período com queda e atingiu os 33,26%, o que representou um aprofundamento no recuo em relação à média obtida nos últimos doze meses (33,56%). Tendo como referência 2020 e 2021, o desempenho de março se mostra ainda mais desfavorável: 34,77% e 33,92%, respectivamente.



Fonte: Azure Sistemas

O tíquete médio, por sua vez, sofreu um avanço superior a R\$ 13,00 e chegou aos R\$ 257,90. Esse é o melhor resultado alcançado nos últimos doze meses e o quarto aumento consecutivo do indicador.



Fonte: Azure Sistemas

Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”, “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em março de 2025.

Produto	Fevereiro 2025
Ferragens	0,51%
Material de Eletricidade	1,19%
Vidro	0,97%
Tintas	1,14%
Revestimento de piso e parede	0,86%
Madeira e taco	0,07%
Cimento	-0,05%
Tijolo	-0,81%
Material Hidráulico	0,26%
Areia	0,81%
Pedras	-1,88%
Telha	-0,20%
Chuveiro elétrico	1,34%
Ar-condicionado	0,24%

Produto	Fevereiro 2025
Computador pessoal	-0,14%
Ventilador	-0,58%
Eletrodomésticos e equipamentos	0,64%
Aparelhos eletroeletrônicos	0,21%
Bicicleta	0,46%

IPCA/IBGE

FIQUE POR DENTRO DAS MUDANÇAS NA LEGISLAÇÃO



www.sincomavialerta.org.br

.Sincomavi

.Sincomavi



SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE
CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS E
VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR